

O Templo de Salomão na IURD no bairro do Brás: o Israel Mítico na construção do lúdico ao sagrado

*Carlos Gonçalves da Fonseca¹
Naara Luna²*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo mostrar parte da etnografia realizada sobre o Templo de Salomão da IURD, destacando como são formadas as identidades religiosas no Templo e a construção da narrativa do Templo como “lugar para todos” a partir da figura do turista. Uso dados obtidos pela pesquisa bibliográfica, pela etnografia realizada no Templo de Salomão em São Paulo no ano de 2018 e a partir de entrevistas feitas em 2021. O Templo de Salomão trouxe transformações no bairro do Brás que moldaram o campo religioso do local, influenciando também nas ofertas de cultos e serviços do Templo de Salomão. A arquitetura do Templo e as experiências para além do culto são construídas conjuntamente em referência aos elementos de Israel Mítico e Judaicos e possibilitam aos visitantes, aos membros e aos turistas/visitantes que ali vão experimentações religiosas, lúdico/turísticas e/ou conformação e constituição de identidades.

Palavras-chave: Templo de Salomão; IURD; Israel. Pentecostalismo.

The Temple of Solomon in the IURD of the Brás neighborhood: Mythical Israel in the construction of ludic to the sacred

Abstract: The present work aims to show part of the ethnography carried out on the IURD's Temple of Solomon, highlighting how religious identities are formed in the Temple and the construction of the Temple's narrative as a “place for all” based on the figure of the tourist. I use data obtained from bibliographic research, ethnography carried out at the Temple of Solomon in São Paulo in 2018 and from interviews carried out in 2021. The Temple of Solomon brought transformations in the Brás neighborhood that shaped the religious field of the place, also influencing in the offerings of services and services of the Temple of Solomon. The architecture of the Temple and the experiences beyond the cult are built together in reference to the elements of Mythical and Jewish Israel and allow visitors, members and tourists/visitors who go there to experience religious, recreational/tourist experiences and/or conformation and constitution. of identities.

Keywords: Temple of Solomon; IURD; Israel; Pentecostalism.

¹ Mestrando em Ciências Sociais na UFRRJ no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade. Tem como área de pesquisa a Antropologia da Religião. E-mail: carlos_goncalves11@hotmail.com

² Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004), onde concluiu seu pós-doutorado (2010). Professora associado D2 de Antropologia no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da UFRRJ. E-mail: naaraluna2015@gmail.com

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar o Templo de Salomão da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), tendo a unidade de análise as produções de identidades religiosas proporcionadas nesse espaço e as experiências lúdicas ofertadas e produzidas a partir da figura do turista. Procurei articular os dados sobre o Templo de Salomão em companhia com a bibliografia sobre a IURD, apoiando minhas reflexões com a etnografia que fiz no Templo de Salomão em 2018 e entrevistas realizadas em 2021 em material registrado no diário de campo. Cabe ressaltar que por conta da crise sanitária ocorrida no ano de 2020, foi necessário buscar alternativas a fim de complementar os dados obtidos na etnografia ao Templo de Salomão que fiz em 2018. De 2020 para cá, fiz entrevistas remotamente, assisti às reuniões e *lives*, mapeei as interações em grupos nas redes sociais sobre o Templo de Salomão e fiz entrevistas com membros, adeptos e visitantes. Minha amostragem nas entrevistas formais priorizou abranger a classificação dos tipos de membros (GOMES, 2011) e a figura do turista.

Compreendo o Templo de Salomão como um espaço de construção das identidades religiosas dos membros da IURD, centrando em como o Templo oferta seus cultos e ritos; mas também busco ir para além do culto/rito, focando no aspecto e nas experiências lúdicas³ que o Templo oferta. Exemplo de uma dessas experiências lúdicas é o *tour*, que é um dos serviços oferecidos pela IURD no Templo de Salomão. O *tour* é um passeio no espaço construído na lateral do Templo de Salomão, chamado de jardim bíblico. As pessoas das quais ali adentram experimentam uma espécie de simulação sobre o que teria sido o Israel Mítico bíblico, isto é, a promessa que Deus teria com o povo hebreu descrita na Bíblia. A IURD busca, a partir do *tour*, se colocar como continuidade da promessa (FONSECA, 2018).

O Templo de Salomão possui essa faceta de ser o espaço do culto e proporcionar outras experiências para além do rito. Além da dimensão turística do enorme monumento que é o Templo de Salomão, o espaço é utilizado por perfis específicos de maneiras específicas para cada um. O consumo desses serviços oferecidos no Templo de Salomão se constitui diferentemente para cada tipo ideal da tipologia dos membros da IURD que abordarei mais à frente. Assim, busco pensar também essa diferenciação de como o espaço é utilizado e visualizado de formas diferentes.

Dessa forma, na organização do artigo, primeiramente situo a IURD, o Israel Mítico e o Templo de Salomão para, logo em seguida, pensar como essas esferas se relacionam na cultura visual do urbano do bairro do Brás em São Paulo. Por fim, tomando o Israel Mítico como elemento de fundo, analiso a essa dimensão do Templo como um espaço turístico/lúdico, mediatizado, adiciono os processos de construções identitárias para seus membros e o processo de construção da narrativa do Templo como um espaço “para todos” a partir da figura do turista.

³ Ao apresentar o meu projeto de dissertação sobre *o Uso dos Elementos Judaicos e o Israel Mítico da IURD*, em um congresso da semana acadêmica de Pós-Graduação na UFRRJ, as doutoras Carly Machado e Patrícia Birman me sugeriram olhar o Templo de Salomão para além do culto, como uma espécie de parque de diversões. Integro a contribuição das autoras minha análise.

A IURD

A IURD, uma igreja neopentecostal, atualmente tem cerca de 1.873.243 adeptos, segundo dados do Censo de 2010 (MARIANO, 2013). O perfil típico de fiéis ou adeptos do pentecostalismo, das classes populares, tendo a maioria negros e mulheres, também pode ser visto na IURD. Na IURD, 59,63% são de mulheres e 40,37% de homens. 37,40% são de brancos, enquanto 61,30% são de pardos e negros⁴. Vale destacar também que a IURD é a terceira maior igreja em números de pessoas na categoria evangélicas de origem pentecostal, ficando atrás somente da Assembleia de Deus e da Congregação Cristã no Brasil. Nos evangélicos, em termos gerais, a IURD é a quarta maior igreja, ficando atrás apenas das duas já citadas e da Igreja Batista (MARIANO, 2013).

A IURD, uma das primeiras e principais igrejas da terceira onda do pentecostalismo (FREESTON, 1994), criada em 1977, começou a se destacar nos meios de comunicação já no final dos anos 1980 e início dos 1990, por ter lotado, diversas vezes, estádios de futebol. Os noticiários e jornais da época, principalmente *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* destacavam o método de arrecadação de dinheiro nesses eventos e mostravam de maneira enfática o número expressivo de pessoas ali presentes. As notícias se centravam nas denúncias de “mercantilização do sagrado” e nos “negócios da fé”, bem como charlatanismo e outras acusações (GOMES, 2011). Outros eventos foram significativos na história da IURD e de certa forma para sua constituição atual. Eventos significativos que marcaram a história da IURD foram a compra da Record em 1989, a prisão de Edir Macedo em 1992, o famoso chute na Santa em 1995, as acusações de estelionato, curandeirismo, charlatanismo, ligação com narcotráfico, sonegação de impostos e a sua relação conflituosa com as religiões de matriz africanas. Na maioria dessas acusações, a IURD se posicionava acionando a narrativa de “perseguição” (GOMES, 2011).

Tais questões foram centrais na IURD a partir de três pilares: na sua relação com “dinheiro”, na sua relação com o “mal” e com a “política”. Essas questões foram tão centrais que movimentaram até mesmo as matérias jornalísticas posteriores sobre a IURD e o próprio olhar das ciências sociais. Esses olhares e saberes sobre a igreja tendiam a reduzir suas práticas ao dinheiro, aos embates entre “demônios” e “Espírito Santo”, as relações entre a IURD e as religiões de matriz africana, bem com a inserção da IURD na política. Autores (as) como Edlaine de Campos Gomes (2004), Ari Pedro Oro (2015) e Carlos Gutierrez (2014), contudo, mostram outras dimensões da IURD, como a construção de seu projeto de igreja a partir da análise de sua cosmologia, a produção da monumentalização do (neo) pentecostalismo no Brasil e, por último, a utilização de bens simbólicos com referência a Israel na IURD. Pode-se ver, assim, a multiplicidade de questões que podem surgir na análise sobre a IURD, como o caso do Israel Mítico também estudado por mim (FONSECA, 2018).

⁴ CENSO DEMOGRÁFICO 2010: CARACTERÍSTICAS GERAIS DA POPULAÇÃO, RELIGIÃO E DEFICIÊNCIA. IBGE. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-demografico/demografico-2010/amostra-caracteristicas-gerais-da-populacao-religiao-e-deficiencia>. Acesso em: 27 nov. 2018.

Israel Mítico

Israel Mítico é um termo utilizado pela antropóloga Edlaine Gomes (2011) para categorizar a nação do povo hebreu descrita na Bíblia. Tal concepção faz parte da IURD desde seu início e constitui-se como um dos elementos fulcrais de como Igreja Universal constrói sua identidade, sua visão e também a sua relação com a alteridade, tanto a alteridade passível a se tornar aliança quanto a alteridade “inimiga”.

No tratamento do “outro” passível de aliança, o elemento com referência ao Israel Mítico fornece o ponto de convergência entre a IURD e esses outros atores, como parcela de outros evangélicos, setores importantes da política e simpatizantes pela “pauta pró Israel” (RESENDE, 2010). Parcela majoritária do campo evangélico é favorável a Israel e partilham da ideia de que o Estado de Israel faz parte da promessa bíblica de reconstrução da “cidade santa”. O imaginário dessa parcela de evangélicos funde elementos em referência a esse Israel descrito na Bíblia com o Estado de Israel, acoplando a narrativa mítica datada em épocas remotas ao tempo atual de um espaço marcado por diversos conflitos que, em 1948, se constituiu como o Estado de Israel.

A aliança entre o Presidente Jair Bolsonaro e a IURD (ALMEIDA, 2019, p. 18), embora não seja apenas pela pauta pró-Israel, tem esse cenário como uma convergência que solidifica ainda mais esse vínculo. Também se tem o exemplo da construção do vínculo da IURD com o Estado de Israel, vistas em algumas práticas e depoimentos tanto da IURD⁵ como do Estado de Israel por via dos seus embaixadores aqui no Brasil⁶. Por mais que os interesses possam ser econômicos e políticos, o pano de fundo iconográfico e discursivo da IURD, na ligação com o Israel Mítico, constrói no mínimo um ponto de convergência visual que atrairia, mais cedo ou mais tarde, tais interações.

Na construção da retórica contra as acusações de ataque à laicidade do Estado, os elementos em referência ao Israel mítico são acionados pela IURD a fim de destacar os espaços para além do culto/reunião (GUTIERREZ, 2014) como o caso do Jardim Bíblico no Templo de Salomão, onde objetos que remetem o Israel mítico são exibidos. Segundo a IURD, esse espaço se configura como espaço “para todos”, fazendo parte da narrativa de “espaço turístico”, “espaço para todos os credos” e para os que “não tem credos”. Por ser um símbolo de uma religião transnacional como o cristianismo, os elementos em referência ao Israel Mítico utilizado na IURD permitem a construção da narrativa de “espaço ecumênico cristão”, que também é “turístico” e representativo de um período “histórico” do povo hebreu descrito na Bíblia.

Na construção de sua identidade e cosmovisão, a IURD se constrói como uma “herdeira” da promessa feita ao povo hebreu bíblico (FONSECA, 2018). A IURD materializa o vínculo com Israel Mítico, “democratizando” o acesso a Israel, trazendo-o ao Brasil. Como também

⁵ EDIR Macedo é recebido em Israel pelo Primeiro-Ministro. Jornal Opção. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/edir-macedo-e-recebido-em-israel-pelo-primeiro-ministro-55417/>. Acesso em : 21 fev. 2020

⁶ EDIR Macedo recebe medalha “Jerusalém de Ouro”. R7. 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/edir-macedo-recebe-medalha-jerusalem-de-ouro-29052019>. Acesso em: 21 fev. 2020.

“herdeira da promessa”, caberia à IURD a construção do Templo de Salomão, o templo prometido. E assim a IURD fez em 2014, inaugurando o Templo de Salomão.

Templo de Salomão

O Templo de Salomão se trata de uma mega construção situada na Av. Celso Garcia, 605, bairro do Brás, distrito do Belém, São Paulo, Brasil. Sua construção se iniciou em julho de 2010. Houve um evento, no dia 8 de agosto de 2010, do qual eles chamaram de “lançamento da pedra fundamental”, que foi realizado no terreno onde Templo de Salomão foi erguido, reunindo milhares de pessoas. No dia 31 de julho de 2014, o Templo de Salomão foi inaugurado, tendo a obra de construção durado 4 anos no total. (ORO, 2015, p. 65).

O custo total da obra foi de 680 milhões (ORO, 2015). A edificação tem 56 metros de altura, 126 metros de comprimento e 104 metros de largura, ocupando um quarteirão inteiro no Bairro do Brás. Há no Templo de Salomão quatro grandes edifícios, o principal deles sendo o próprio Templo, com capacidade para quase dez mil pessoas sentadas (FONSECA, 2018). Nos pisos e nas paredes, foram usadas pedras trazidas de Israel, “de uma pedreira em Hebron, despachadas do Porto de Asdobe na Cisjordânia” (ORO, 2015, p. 69). O site do Templo de Salomão informa que o Templo foi revestido por 40 mil metros quadrados dessas pedras trazidas de Israel.

Há ainda um memorial no qual se encontram artefatos e objetos ligados ao Templo de Salomão bíblico de Israel e ao vínculo com a “Terra Santa”. Parte disso é o “jardim das oliveiras”, onde se encontram 12 oliveiras, vindas do Uruguai, representando, segundo o site da IURD⁷, o “Jardim do Getsêmani”, localizado no Monte das Oliveiras. Há também uma réplica do “tabernáculo” do tempo de “Moisés”, que segundo o site retrataria fielmente o objeto relatado na Bíblia. Esses três, o memorial, o jardim e a réplica do tabernáculo fazem parte do chamado “Jardim Bíblico” do Templo de Salomão. Nesse Jardim Bíblico se faz um *tour*. A construção do Templo pode ser vista como a maior materialização do Israel Mítico da IURD.

Templo de Salomão no Bairro do Brás e Bairro do Brás no Templo de Salomão

O Templo de Salomão da IURD, de sua inauguração para cá, integrou-se na vida cotidiana do bairro do Brás em São Paulo. Seja por ocupar um quarteirão inteiro ou por mobilizar serviços públicos e privados – como o transporte público, comércio local, motoristas de aplicativos, o turismo no bairro, entre outros – o Templo se coloca como um “agente” importante no bairro. O Bairro do Brás é o local do qual a IURD escolheu para construir o

⁷ TEMPLO de Salomão, IURD. Disponível em <https://sites.universal.org/templodesalomao/passeio-pelo-jardim-biblico>. Acesso em: 22 maio 2021.

seu Templo de Salomão, pois o local é estrategicamente central para produção da visibilidade da Igreja.

O Bairro do Brás é um distrito situado na região centro leste da cidade de São Paulo. É atendido pela linha 3 do Metrô de São Paulo e pelas linhas 10, 11 e 12 da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM). O bairro é conhecido por ser uma grande região comercial e industrial, com presença de lojas e galpões que ocupam grande parte dos quarteirões. O Brás é também conhecido por ser um centro de comércio de confecção de roupas. Pessoas de todos os lugares do Brasil visitam o bairro para comprar roupas, acessórios e afins. Segundo Ricardo Campos, em seu texto “Visibilidades e invisibilidades urbanas” (2016), as cidades resultam de diversas “operações criativas” que tendem à formação de um território habitável coletivamente do resultado do confronto entre as contingências do local e uma certa “cosmovisão territorial” (CAMPOS, 2016, p. 51). A cosmovisão territorial do Brás é esse espaço de grandes ofertas de produtos e serviços populares com relação a confecção, distribuição e venda de roupas e acessórios a preços bem baratos.

O bairro também é conhecido pela quantidade de igrejas em seu território. Na Avenida Celso Garcia, uma das principais do bairro do Brás, onde se encontra o Templo de Salomão, eu consegui contar 19 outras igrejas. No entorno do Templo de Salomão, a mistura se torna maior ainda. Na frente do próprio Templo de Salomão se encontra a Igreja de São Batista, católica romana. Na paralela, se encontra a Assembleia de Deus Ministério Madureira no Brás. Há, nos quarteirões que circundam o templo, uma Catedral Ortodoxa de São Paulo, localizada da rua Bresser. Na Rua Júlio Cezar da Silva, ao lado do Templo de Salomão, se localiza a igreja evangélica “*Cristo La Roca*”. Na Rua Bering, está a igreja evangélica ministério “*Del Nuevo pacto poder de Dios*”. Essas duas são voltadas para imigrantes bolivianos em maioria, conforme relatos obtidos em conversas formais.

Campos (2016, p. 53) esclarece que a visibilidade é uma esfera central no relacionamento com o mundo e com os outros e tem sido alvo de privilégio na cultura Ocidental ao longo do tempo. Por mais que se consumam também imagens, para cada igreja, templo ou comércio, o capital de visibilidade que pode ser adquirido em estar no Brás têm sentidos diferentes em si. Para uns, pode ser para fins econômicos, para outros, como no caso da IURD, é também marcar de uma forma específica a planta da cidade, fazer parte da cultura visual do local, redefinindo as formas de como se inserir também dentro dessa cultura visual religiosa do Brás.

Ricardo Campos, Andrea Mubi Brighenti e Luciano Spinelli, no texto *Uma cidade de imagens: Produções e consumos visuais em meios urbanos* (2011, p. 6) teorizam a cidade como o lugar de/para imagens, argumentam que as imagens habitam o espaço público, que contribuem para o seu cenário visual e afetam a maneira da qual os agentes agem e representam a metrópole. A história da IURD é marcada pela sua relação com galpões, cinemas antigos e teatros desativados. A ecologia visual urbana singular da Zona Norte do Rio de Janeiro, onde nasce a IURD, afetou a forma como a IURD se “visibiliza”, servindo como quadro referência que guio a IURD na escolha do local de construção do seu maior e central Templo, o bairro do Brás.

Gomes (2011) argumenta que a utilização de galpões de antigos cinemas e teatros é estruturante das práticas da IURD. “A igreja elabora suas práticas seguindo o princípio de colocar ‘a fé em ação’ e levar a ‘Palavra’ para todos, por meio de diversos instrumentos para realizar sua missão” (GOMES, 2011). O Brás é um local semelhante ao local de origem da IURD na Zona Norte do Rio de Janeiro pelo alto fluxo de pessoas e sobretudo por ser um grande centro comercial. Gomes (2011, p. 150) mostra que IURD se pensa e se considera como uma igreja para as “multidões”, “igreja dos grandes eventos” e “concentrações de fiéis”. Essa dinâmica possibilita a expansão da visibilidade, “seja pelos meios de comunicação e grandes eventos, seja pela escolha dos locais de instalação de seus templos” (GOMES, 2011, p. 150). E o Brás foi o local escolhido por ser propício para essa dinâmica.

O Templo de Salomão integra com destaque a cultura visual do bairro, influenciando na forma como os comércios e igrejas locais se constituem e se pensam no bairro. A utilização de elementos em referência a Israel Mítico materializado no Templo de Salomão ultrapassou os limites da igreja, sendo utilizado também por comércios e igrejas. Em minha visita ao Templo de Salomão pude ver diversos comércios em volta do quarteirão onde se encontra o Templo com nomes que remetiam a elementos hebraicos e judaicos. Havia uma loja de roupa chamada “*Menorah*” e havia uma loja que vendia púlpitos para igrejas, chamada “*Moriah*”. Há uma lanchonete, também na Rua Júlio César da Silva, no Brás, que é a rua lateral onde se localiza o Templo de Salomão – onde também estão essas duas outras lojas mostradas acima – que tem pelo nome “*Maniah*”. Perguntei para responsável do local sobre a origem do nome e ela me informou que o antigo nome era “*Mania*”, mas depois da chegada do Templo de Salomão, ela adicionou a letra “h” para parecer com as outras lojas da rua. Nesses exemplos, a estética em referência ao Israel Mítico se torna um Israel que produz visibilidade e molda a forma como os sujeitos se colocam no espaço.

Sobre as igrejas locais, já foi apontado a grande quantidade de igrejas majoritariamente do segmento cristão no Brás. O que não apontei ainda é o que o autor Ari Pedro Oro, em seu texto “A reconfiguração do espaço público religioso brasileiro: o protagonismo da Igreja Universal do Reino de Deus” (2015, p. 72) conceitualizou como “efeito mimético da IURD sobre outras denominações”. Para além dos grandes templos construídos depois da inauguração do Templo de Salomão, outras denominações começaram a adotar a estética baseada em elementos do Israel Mítico, hebraicos e judaicos. Esse foi o caso da “Igreja do Reino”.

Sobre essa igreja não se encontram muitas informações quanto à sua história na internet. Há um canal no Youtube da Igreja a fim de divulgação dos eventos e pregações. Eu tive um pequeno contato com essa igreja. Antes de encontrar o Templo de Salomão, encontrei um local chamado “igreja do reino”, onde o palanque de publicidade mostrava um homem branco, de cabelos longos, barbado, com a roupa branca, um cordão com um pingente da estrela de Davi e outros apetrechos que remetiam aos elementos do “povo hebreu bíblico”. Fui conversar com uma pessoa que estava na frente do local. Ele me disse os dias do que ele chamou de “reunião” e me levou até o local onde a reunião acontecia. Como não era hora da reunião, estava vazio. Havia muitas cadeiras de plástico para as pessoas que frequentam sentarem. Havia um

palanque e alguns objetos que remetiam a elementos “judaicos” e da “terra santa bíblica” e tocava uma música muito suave, provavelmente de origem oriental. Esse episódio no parágrafo anterior expressa essa dimensão do “efeito mimético” (ORO, 2015), o afetar do Templo de Salomão na cultura visual do Brás e como a categoria Israel Mítico pode ser pensada também como forma de visibilidade. Atrelado às influências do bairro no Templo, pode-se dizer que a cultura visual é dialeticamente constituída pelos atores e a estrutura. Por isso, o Templo de Salomão está no Brás e o Brás no Templo de Salomão.

Outra transformação ocasionada pelo Templo de Salomão no Brás foi a valorização de imóveis locais que provocou um aumento na demanda e logo um aumento em aluguéis. Isso fez com que algumas igrejas menores fechassem as portas. Algumas dessas igrejas pequenas que sobreviveram ao aumento dos aluguéis e dos imóveis, precisaram se organizar devido aos efeitos do Templo de Salomão no campo religioso do bairro. Dessa forma, a fim de competir com a grade de reuniões e cultos diversos que o Templo de Salomão oferece, essas igrejas se especializaram em uma área específica: uma igreja para área familiar, outra para a área da cura, outra para imigrantes e outros. Assim, essas igrejas setorizavam a disputa com o Templo de Salomão pelo dia – uma vez que cada culto diário do Templo de Salomão é específico para uma área, como o culto da cura na sexta, o culto da terapia do amor na quinta, por exemplo, sendo os mais famosos. Em uma metáfora, essas igrejas menores são as “clínicas” especializadas por áreas e o Templo de Salomão um “hospital” maior que oferece auxílio mágico-religioso em todas as áreas.

Essas igrejas se especializam para disputar não com o Templo de Salomão como um todo, mas com os cultos diários temáticos oferecidos no Templo. Dando o exemplo, uma igreja pequena no Brás pode ser especialista em relacionamento e disputar com o culto de quinta-feira do Templo de Salomão, que é o culto da Terapia do Amor. Essa forma de organizar a oferta dos cultos foi constitutiva para a construção de tipos de perfil para tipos de cultos específicos. Pessoas interessadas em alcançar um relacionamento poderiam optar ir diretamente ao culto temático acerca de sua demanda, por exemplo.

No Templo de Salomão as reuniões/cultos ocorrem todos os dias da semana, em determinados horários, tendo cada reunião um tema em cada dia da semana, havendo apenas o dia de domingo com “duas temáticas”. Começando pelo domingo, tem a reunião que tem por tema “encontro com Deus”. Na sua descrição, essa reunião de domingo é feita para “os que desejam ter uma experiência real com o Altíssimo”. O horário dela é às 6h e às 9h30. Às 18h, a reunião é sobre Apocalipse, ou seja, um estudo sobre o livro bíblico chamado “Apocalipse”. Na segunda-feira, ocorre a reunião da nação dos 318, que consiste em uma palestra “motivacional para o sucesso financeiro”. Trata-se da reunião com o maior número de horários, sendo às: 7h, 10h, 12h, 15h, 18:30h e 22h. Na terça-feira, a reunião é do “dia da cura”: “oração para a restauração da saúde física e emocional”. Os horários dessa reunião são às 10h, 15h e 20h. Na quarta-feira, a reunião tem por tema “Escola da fé: reunião para o fortalecimento espiritual”. Os horários são: 10h, 15h e 20h. Quinta-feira, tem a reunião por tema “Terapia do Amor”, que ocorre às 10h, 15h, e 20h. Sexta-feira tem a reunião “Mudança de sorte”, que ocorre às

10h, 15h, e 20h e no sábado a reunião do “Jejum das causas impossíveis”, que ocorre em horário único, às 7h.

Tomando o exemplo da categoria nativa da IURD sobre o frequentador esporádico, cogitando a possibilidade de sua demanda ser conseguir um relacionamento, esse tipo de membro pode transitar entre as diversas outras igrejas que ofertam cultos referentes a este tema na busca de alcançar seu objetivo. O Templo de Salomão está em certa vantagem comparada às outras igrejas mais focais em temáticas ou até mesmo as igrejas tradicionais que trabalham e estabelecem o vínculo religioso a partir de outros ditames. Portanto, o Templo oferece uma diversidade de possibilidades para o frequentador esporádico atender suas demandas – englobando o máximo de possibilidades possíveis, como relacionamento, saúde, prosperidade – ao mesmo tempo em que também busca fidelizar esse membro. Essa fidelização é um escopo institucional, mas na maioria das vezes também é uma meta pessoal do sujeito, integrante da forma como o indivíduo constrói sua identidade religiosa.

Membros no Templo de Salomão

Gomes (2011) constrói tipos ideais acerca de como a IURD classifica seus membros com relação a vinculação destes com a igreja. A autora destaca quatro tipos de membros. A primeira tipologia, os “membros convertidos”, que são aqueles que passaram pelo “batismo nas águas” e no “Espírito Santo”, dos quais assumem a identidade religiosa; a segunda tipologia são “os membros em processo de conversão”, que são os que participam do cotidiano da igreja, já foram batizados nas águas, mas ainda não foram batizados no “Espírito Santo”, mas que continuam buscando esse segundo batismo; a terceira tipologia são os frequentadores esporádicos que não são batizados nem nas águas, nem no Espírito Santo, mas que vão a IURD buscando uma benção imediata ou apenas a fins de conhecimento da igreja; e a quarta tipologia, que são os “membros em potencial”, são todos os que devem ser levados a conhecer a “Palavra”, assim sendo, todas as pessoas, para a IURD, são consideradas como membros em potencial (GOMES, 2011, p. 128).

Segundo Gomes (2011), a IURD estabelece serviços diferentes para cada tipo de membro:

Há uma preocupação visível da igreja em atender os diferentes tipos de fiéis que caracterizam seu público: desde aqueles que querem suprimir alguma aflição imediata, àqueles que se identificam e se assumem como membros – e há ainda os membros em potencial, os que nunca entraram em qualquer templo da igreja. (GOMES, 2011, p. 128).

No Templo de Salomão convivem as quatro tipologias de membros. Para além da forma como a IURD vai desenvolver as funções com relação aos diferentes tipos de fiéis que constroem o seu público, dialeticamente, esses tipos de membros constroem suas formas

de participação e de identidade na IURD. Ana Lucia Enne em seu texto “À perplexidade, a complexidade: a relação entre consumo e identidade nas sociedades contemporâneas” (2008, p.16) argumenta que o processo de constituição das identidades e alteridades na modernidade é extremamente complexo e que isso requer uma análise que leve em conta o papel enquadrador da sociedade de consumo, mas também o alargamento do campo de possibilidades para que o indivíduo possa produzir suas representações de si e configurar suas formas identitárias. A IURD, assim, desenvolve funções e formas de “consumo” dos bens e serviços religiosos, turísticos e de imagem diferentemente para cada tipo, mas cada ator, dentro desse campo de possibilidades, busca construir seus próprios processos identitários. Essa dinâmica faz parte do jogo, onde os tipos de membros estão buscando construir suas representações de si e a IURD, que busca, a partir das suas estratégias de poder, impor suas concepções hegemônicas com relação a cada membro. Isso não significa que há necessariamente um conflito. Percebe-se que as construções de si dos membros e as concepções estruturais da IURD para cada um muitas vezes atuam em consonância.

No caso da primeira tipologia, o “membro convertido”, ir ao templo maior da sua igreja é um feito de muita importância para sua identidade Iurdiana – sobretudo se esse indivíduo residir em outras cidades e estados fora de São Paulo. Registrar esse momento com fotos e vídeos é a medalha que materializa esse feito na vida do membro. O Templo de Salomão, para esse tipo de membro, é um lugar onde você “sente uma paz”, sente algo diferente. A fala de um membro convertido da IURD residente de Recife, que escolheu visitar o Templo de Salomão nas férias, quando perguntado por mim sobre a diferença do Templo de Salomão para outras igrejas da IURD, elucida bem isso:

É como se fosse uma capital de um país, o Templo de Salomão é a capital da Igreja Universal. Logo que eu entro aqui, eu sinto uma paz imensa que nunca senti em lugar nenhum. Aqui é um lugar santo, diferente de tudo. (Obreiro da IURD. Entrevista concedida a Carlos Gonçalves da Fonseca. São Paulo. 16 de set de 2018).

Conheci esse “membro convertido” no tour do Templo de Salomão. O *tour*, a simulação da história do povo hebreu bíblico produzido pela IURD no Templo de Salomão, se constrói a partir do visível. Ver as esculturas, as maquetes dos templos, os objetos em referência ao Israel Mítico, poder tirar fotos disso, é de certa maneira experimentar essa história. Na minha monografia, argumentei que o *tour* buscava materializar subjetivamente o vínculo que a IURD constrói com esse Israel Mítico (FONSECA, 2018). Essa ideia, no entanto, foca apenas no membro convertido. Ver e experimentar o tour se constitui diferentemente com relação à tipologia de membros da IURD.

No caso dos frequentadores esporádicos e membros em potencial ver o Templo, experimentar e produzir imagens sobre ele ganham outras dimensões. Uma das participantes que estava no *tour* no dia em que eu fui se declarava como evangélica e que havia ido ao Templo, pois estava de férias em São Paulo. Ela me relatou que não chegou a assistir uma reunião no Templo, nem participado de nenhum evento religioso do local. Ela disse que só havia ido ao

tour e que dali iria para um parque aquático. Depois de ter tirado muitas fotos, ela foi embora para não perder a hora do transporte para o parque. Relatou-me também que já havia ido em alguns outros Templos da IURD, mas que ali, pelo fato de ter objetos de Israel, era especial. Dentro da tipologia dos membros da IURD, ela se encontra como frequentador esporádico ou membro potencial. Em minha classificação, a colocaria como membro em potencial devido seu vínculo com outra igreja. No exemplo dessa participante, pode-se perceber o caráter lúdico que o Templo pode ter, tanto que após o *tour* no Templo, ela iria a um “outro parque”. Ela escolheu tirar algum tempo de suas férias para ir ao Templo de Salomão. Mas, não nas reuniões e sim no *tour*, na experiência lúdica que o Templo, para além do culto, oferta.

Em um esforço de tentar caracterizar o consumo visual que pode inferir na construção identitária ou na experimentação lúdica do espaço, os membros convertidos consomem visualmente, produzindo imagens e experimentações a fim da sua construção identitária como iurdiano. Um dos pontos diferenciais para “ser iurdiano” é ter tido a oportunidade de visitar o Templo de Salomão. Poder ver, tocar e, por fim, tirar uma foto materializa essa conquista. Segundo relatos, estar lá, ver com os “próprios” olhos é ter uma imensa e única oportunidade. É estar experimentando um pouco do que o povo hebreu bíblico viveu, segundo alguns relatos, é como “ser israelita”. Em minha monografia (2018), como dito, minha tese era sobre a subjetivação a partir da materialização da narrativa do vínculo com Israel Mítico construída pela IURD (FONSECA, 2018). De fato, isso ocorre, mas especialmente nesse tipo de membro, o membro convertido. Um membro convertido, ao ser perguntado por mim acerca da razão do Templo ter se inspirado em elementos do Israel Mítico, disse que o Templo é assim para trazer na realidade o tempo antigo, para resgatar a fé. Ele completou dizendo:

Deus disse que separou o povo de israel. E a mesma analogia Deus fez, porque a promessa de Israel veio de Abraão. Abraão se torna pai de todos aqueles que se convertem à Cristo. Por ele ser o símbolo de Israel e Israel ser o símbolo dos escolhidos, é que nós somos como se fossemos filhos de Israel, como, com aspas, fossemos “israelitas”, justamente porque nosso pai na fé é o símbolo de Israel. (Obreiro. Entrevista concedida a Carlos Gonçalves da Fonseca. São Paulo. 16 de set de 2018).

Na segunda tipologia de membros, os membros em processo de conversão, ir ao Templo de Salomão é um marco na sua vida religiosa. Experimentar e consumir visualmente pode impulsionar a conversão do membro em processo de conversão para o membro convertido. O Templo funciona como uma espécie de rito de passagem entre os perfis. Ir ao Templo maior, a “capital” de sua igreja, pode ajudar este sujeito a ultrapassar sua condição de não ter sido “batizado no Espírito Santo”, podendo impulsionar esse processo. Um exemplo disso foi a Cláudia Baré. Cláudia mora no Manaus, é indígena, pedagoga e possui 42 anos. É obreira da IURD de Manaus. Fiz a entrevista com a Cláudia e ela me relatou que queria muito que sua filha pudesse ir ao Templo de Salomão em São Paulo. Sobre sua filha, Cláudia me relatou:

Eu tenho uma filha de 16 anos, ela era do grupo jovem da igreja, mas ela se afastou. Ela também queria muito estar lá no Templo de Salomão. Ela sempre ia aos templos daqui de Manaus em busca do Espírito Santo. Mas ela disse que não conseguia. Então, toda vez que vou à igreja convido ela, mas ela continua dizendo que não. Eu acredito que o Templo de Salomão ajudaria muito ela na busca do Espírito Santo⁸ (Obreira. Entrevista concedida a Carlos Gonçalves da Fonseca. Rio de Janeiro. 25 de jan. 21).

Esse relato da Cláudia evidencia um olhar sobre a importância do Templo na constituição identitária religiosa de sua filha e também a sua. Cláudia, embora nunca tenha ido ao Templo, é uma obreira, que segundo o próprio relato, é batizada e sonha em um dia visitar o Templo de Salomão. Mesmo sem nunca ter ido, o relato de Cláudia nos mostra como o Templo é central não somente para os que ali são membros, mas também para obreiros, membros e frequentadores da IURD de todo Brasil.

Já o frequentador esporádico e os membros em potencial, o espaço pode se torna um espaço lúdico-religioso, onde se pode “ver” teatralmente a origem da religião mundial que se tornou o cristianismo a partir dos elementos em referência ao Israel Mítico. Como o exemplo dado anteriormente sobre uma das participantes do *tour*, que foi ao Templo apenas a fim de tirar fotos e se divertir, pois logo depois de sua ida ao Templo, esta participante do *tour* iria a um parque famoso em São Paulo.

Cabe destacar que a figura do frequentador esporádico também é conhecida pela urgência de suas demandas, que o fazem ir conforme suas necessidades do momento, podendo estabelecer ou não um vínculo maior com a igreja posteriormente. No culto da Terapia do Amor, por exemplo, alguém que deseja ter um relacionamento, pode ir nesse culto na busca de suprir sua vontade. Tal dinâmica fica clara com o relato da Regina. Regina, de 39 anos, moradora do Bairro da Liberdade em São Paulo, que tem por profissão Babá, é membra e batizada na igreja Internacional da Graça. Conheci a Regina em um dos grupos de Facebook dedicado a reunião Terapia do Amor do Templo de Salomão. O grupo, com mais de 20 mil pessoas, é dedicado exclusivamente a serviços de relacionamentos e encontros entre pessoas da IURD. Regina estava no grupo e aceitou uma entrevista. Embora não seja da IURD, Regina acreditava que conseguiria encontrar um bom relacionamento indo na Terapia do Amor. Segundo seus relatos:

Eu tenho buscado muito estar juntos das pessoas da mesma fé, para possivelmente conhecer alguém que queira constituir família. Eu e todos ao meu redor acham que já está na hora disso e como não vejo nada em vista, estou tentando ajudar o destino indo aos lugares que possivelmente isso poderia acontecer. Por ter mais pessoas no culto da Terapia do Amor e pelos ensinamentos na área dos relacionamentos, acho que ali poderia me ajudar a chegar no meu objetivo⁹ (Frequentadora da

⁸ Entrevista realizada no dia 25 de janeiro de 2021.

⁹ Entrevista realizada no dia 19 de janeiro de 2021.

Internacional. Entrevista concedida a Carlos Gonçalves da Fonseca. Rio de Janeiro. 19 de jan. 2021).

O relato da Regina mostra a dimensão que argumentei sobre a diversidade de possibilidades de ofertas de cultos para os diversos tipos de perfis, o que faz o Templo ter uma certa vantagem em comparação as outras igrejas do Brás que focalizam seus cultos em temáticas ou até mesmo as igrejas maiores, como o exemplo da Internacional da Graça. O trânsito religioso é uma das marcas do campo religioso brasileiro atual (ALMEIDA; MONTERO, 2001) e a Regina é uma dessas figuras que transitam entre as denominações evangélicas na busca de conseguir seus objetivos pessoais, mas não a custo de sua identidade religiosa, pois busca conseguir encontrar um relacionamento, porém dentro das possibilidades que sua vida religiosa dispõe. Dentro dos enquadramentos, a Regina consegue encontrar movimentos que adequam suas crenças às suas metas pessoais. Sua identidade religiosa se forma a partir desse jogo onde os sujeitos encontram formas de alargar o campo de possibilidades para produzir suas representações de si e configurar suas formas identitárias, mesmo dentro dos enquadramentos da estrutura (ENNE, 2008, p. 16).

A figura do turista: o espaço do Templo para além do rito

Nessa classificação dos quatro tipos de membros, escapa a figura do turista. Integro a figura do turista no debate buscando dar um panorama maior acerca da complexidade do espaço que se constitui o Templo de Salomão, uma vez que essa figura foge da tipologia dos membros construída por Gomes (2011), mostrando que a IURD não pensa todos os de fora como “membros em potencial”.

O tamanho do Templo de Salomão chama a atenção. Por estar localizado em uma via de muito acesso, turistas e transeuntes costumam visitar o Templo. Além disso, os serviços fora o culto/reunião, como o *tour* pelo Jardim Bíblico, vendas de livros e outros, atraem esses turistas e transeuntes. Uma questão que traz o questionamento é o fato de que dentro do terreno do Templo de Salomão não há nenhuma espécie de proselitismo ou evangelização, mesmo com a presença de pessoas que poderiam, segundo classificação dos tipos de membros, tornar-se membros da IURD.

Gomes (2011) mostra que todos os “outros”, ou seja, os de fora, são frequentadores em potencial, podem tornar a vir a serem frequentadores esporádicos e logo frequentadores assíduos. A forma como a IURD se constrói tem a ver com a forma como ela pensa a vinculação. Aqui a figura do turista, visitante traz novas perspectivas sobre a forma como a IURD se constrói. Além dos quatro tipos de membros (GOMES, 2011) faz parte da tipologia dos frequentadores da IURD a figura do turista, dos visitantes, que passam no Templo de Salomão a fim de conhecer o monumento. Para esse perfil, o espaço pode ser representado como um espaço lúdico, uma espécie de “parque de diversões”.

Para a compreensão da importância da figura do turista no Templo de Salomão da IURD, volto no dia de sua inauguração. A inauguração do Templo de Salomão, em 2014, contou com a presença das maiores autoridades dos três poderes do país daquela época, entre as quais, a figura mais importante, a então presidenta Dilma Rousseff, que se sentou ao lado do bispo Edir Macedo. Michel Temer, o vice-presidente na época, também esteve presente para acompanhar a cerimônia. Tanto o então governador de São Paulo – Geraldo Alckmin – como o prefeito – Fernando Haddad – também compareceram. Também marcou presença o ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Marco Aurélio Mello; a presidente do STM (Superior Tribunal Militar), Elizabeth Teixeira Rocha; o ex-diretor da Polícia Federal, Leandro Daiello Coimbra, além de diversos outros governadores, deputados federais e estaduais, vereadores e prefeitos. Alguns jornais destacaram em tom de denúncia a presença de políticos na inauguração do Templo e a própria inauguração, alegando que isso, de certa maneira atentava, ao Estado laico brasileiro, pois viram a presença dos políticos um benefício a apenas um grupo religioso, no caso da IURD (GUTIERREZ, 2014). Nesse sentido que a figura do turista e dos visitantes no Templo de Salomão entra, pois integra a narrativa da IURD com relação ao Templo de Salomão ser um “espaço para todos”, um “espaço ecumênico”, um “espaço turístico” e não apenas de um grupo religioso. Essa narrativa é acionada contra a denúncia de que o Templo estaria atentando contra o Estado laico brasileiro, pois, segunda a narrativa da IURD, o Templo é mais que igreja apenas para os membros, mas é também um espaço “para todos”.

A figura do turista é central na construção da narrativa institucional da igreja de que o espaço ali é acessado por “todos os tipos de pessoas”, que o espaço é para todos e não só para os membros da igreja. Esse “outro” não é o “outro” passível de conversão, logo não pode ser considerado o “membro em potencial”. Uma vez que a narrativa de “lugar para todos”, “lugar turístico” é acionada contra denúncias de que o Templo de Salomão fere a laicidade, a figura do turista é constitutiva para a construção da narrativa da IURD de que nem tudo ali no Templo de Salomão é feito para fins proselitistas, ou seja, que há determinadas pessoas para as quais o Templo de Salomão também oferta serviços turísticos. Isso vai depender de como o espaço é concebido no Templo de Salomão e quais desses espaços o turista adentra: caso ele entre no local do culto, a condição de turista se transforma na condição de membro em potencial.

Nessa perspectiva, um breve debate sobre o espaço se faz necessário. O debate sobre a conformação, configuração e significados dos espaços é integrante das ciências sociais desde sua formação. O autor Robert Hertz em “A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa” (1980) demonstra também essa preeminência direita na conformação dos espaços. Outro trabalho notável foi o ensaio “Algumas formas primitivas de classificação” (2001) de Marcel Mauss e Émile Durkheim que, ao demonstrar a organização de uma tribo australiana em duas fraternidades e, dentro dessa fraternidade, em uma complexa divisão de clãs, argumenta que a classificação das coisas reproduz a classificação dos homens (MAUSS; DURKHEIM, 2001).

A conformação do espaço reproduz categorias humanas e sociais. Evans-Pritchard continua com a tradição do debate de Mauss e Durkheim (2001) sobre espaço e, em *Os Nuer*:

uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota (1978), evidencia duas distinções sobre o espaço: espaço ecológico e espaço estrutural, que terão relação à pertença dos indivíduos. O espaço ecológico e a distância ecológica representam necessariamente a distância física entre os espaços. Já o espaço estrutural e a distância estrutural dizem respeito sobre um espaço socialmente constituído. O autor vai definir distância estrutural como:

A distância entre grupos de pessoas dentro de um sistema social é *expressa em termos de valores. A natureza da região determina a distribuição das aldeias e, por conseguinte, a distância entre elas, porém os valores limitam e definem a distribuição em termos estruturais e fornecem um conjunto diferente de distâncias. Uma aldeia nuer pode estar equidistante de outras duas aldeias, mas, se uma destas duas pertencer a uma tribo diferente daquela a que pertence a primeira aldeia, pode-se dizer que ela está estruturalmente mais distante da primeira aldeia do que da última, que pertence à mesma tribo. (PRITCHARD, 1978, p. 123).

O espaço estrutural no Templo é aquele no qual os tipos de membros estão estruturalmente mais próximos um dos outros. Na configuração do espaço estrutural, cada tipo de membro pode estar mais próximo estruturalmente do que outro, mesmo que ocupando espaços ecológicos distantes. Membros de um mesmo tipo podem estar mais próximos estruturalmente em contraste com membros de outro tipo. Essa aproximação se dá, sobretudo nas formas de ação ritual, ou seja, nas incumbências e obrigações litúrgicas e religiosas que cada tipo de membros possui, independentemente da localidade de sua igreja. Tem-se o exemplo da reunião de sábado no Templo de Salomão, que é exclusiva para os membros convertidos. Em minha etnografia no Templo de Salomão (2018), ao entrevistar um obreiro da IURD de Recife, não pude realizar a entrevista no sábado por conta de sua participação nessa reunião, tendo assim só concluído a entrevista no domingo. Logo, percebe-se que mesmo sendo um obreiro da IURD de Recife, o membro participou de uma reunião em São Paulo com outros membros provenientes do local.

Esse mesmo espaço estrutural se constitui de modo complexo para outros tipos de membros, pois considerando o membro em potencial, que são todos os que podem vir a ser membros da IURD, o espaço estrutural da IURD no Templo de Salomão consistiria em todos os lugares passíveis de ação evangelística pela igreja. Aqui surge a figura do turista. Se o turista é uma figura que se diferencia do membro em potencial por conta da sua função de integrar a narrativa do “espaço para todos”, há efetivamente uma distância construída estruturalmente entre os de “dentro” – os tipos de membros – e os de fora – os turistas. Esses espaços estruturais se materializam e se reproduzem especialmente no Templo de Salomão. O debate sobre os espaços se torna necessário para compreensão de como tais locais no Templo de Salomão são pensados, construídos e consumidos.

Pierre Bourdieu, em “A casa Kabyle ou o mundo às avessas” (1999), retomando os debates iniciais das conformações dos espaços e as categorias sociais, dará materialidade a essas concepções sobre os espaços e seus significados em sua análise sobre a casa Cabila. O

autor argumenta que a casa Cabila evidencia as diversas relações que se constituem entre as categorias de pensamento do povo Cabila com relação a espaços sociais como casa, aldeia e cosmos (SAYÃO, 2013). A análise evidencia a organização do interior da casa e relações de oposição e mutualidade que estão em consonância com o externo e com a mentalidade Cabila. Segundo Bourdieu, “a casa se organiza segundo um conjunto de propostas homólogas: fogo, água; cozido, cru; alto, baixo; luz, sombra; dia, noite; masculino, feminino [...] cultura, natureza (BOURDIEU, 1999, p. 151). Essa análise de Bourdieu nos ajuda a compreender como os espaços do Templo de Salomão estão organizados, em suas distâncias estruturais e seus significados.

Os espaços de “dentro” e “fora”, “do rito” e do “passeio/turismo”, do “lugar para todos” e do “lugar santificado por Deus” parecem conviver no espaço do Templo de Salomão, tendo seus limites constituídos a partir da passagem para o local da reunião, o “santuário” onde para tal, há uma revista com detectores de metal, há a proibição de aparelhos eletrônicos e há regras para as vestimentas. O exemplo maior disso foi no meu primeiro dia da etnografia. Pude acessar, mesmo estando de bermuda, boa parte do que seria o “quintal” do Templo de Salomão, ou seja, sua parte externa ao local do culto. Só não poderia entrar de bermuda para assistir à reunião. Indo para o tour, há situações e locais no qual é proibida a utilização de aparelhos eletrônicos, como dentro do “tabernáculo”. A IURD estipula essas regras menos por medo de reprodução das imagens e controle e mais na busca da demarcação do espaço que é “sagrado” e o espaço que é “recreativo”, “turístico”. Do lado de fora do Templo, contudo, na rua, na avenida, no quarteirão que rodeia o Templo, as práticas de distribuição de jornais da Universal são claramente percebidas.

Assim como a *casa Cabila* possui um espaço fechado secreto que confina as relações da intimidade e o espaço masculino *thajma' th*, que é o lugar da assembleia, da mesquita, do café (BOURDIEU, 1999, p. 149), o Templo de Salomão também possui os espaços de “dentro” e o de “fora”. Para os de dentro com relação à filiação, o espaço se relaciona à filiação dos membros convertidos, busca de fidelização dos membros em processo de conversão e dos membros esporádicos, e busca da conversão dos membros em potencial de conversão. Já para os de “fora”, o espaço se configura na busca da experiência turística. Dessa forma, os espaços se definem em dois no Templo: espaço de culto e espaço do turismo/passeio. Tudo isso em um espaço no qual ser frequentador em potencial e turista vai depender de como a pessoa vai se alocar dentro desses espaços.

Considerações finais

Alguns pontos precisam de uma breve consideração, sobretudo a relação entre esses dois pontos que analiso – os tipos de membros da IURD e os turistas. Jean-Paul Willaime em *Sociologia da Religião* (2012) argumenta que a religião se manifesta na interseção de três pontos: “vínculo longitudinal da linhagem com seus ascendentes e descendentes, o vínculo horizontal entre os irmãos na religião, esses dois vínculos articulando-se ao vínculo vertical,

que se refere a uma alteridade” (WILLAIME, 2012, p. 197). Essa concepção de *Willaime* pode ser utilizada para pensar o uso do Israel Mítico pela IURD no Templo de Salomão. Em minha monografia, por título *Materialização do vínculo com o Israel Mítico pela IURD* (2018) procurei demonstrar como a IURD buscava materializar este vínculo com o Israel Mítico, se colocando como uma “herdeira” da promessa do povo hebreu bíblico. A primeira dimensão destacada por Willaime, que é o vínculo com a linhagem ascendente e descendente, foi explorada pelo meu trabalho de monografia. Minha pesquisa nesse trabalho se diferencia, pois, busca agora analisar a construção do vínculo horizontal entre os “irmãos na religião” e com a alteridade.

Os quatro tipos de membros da IURD fazem parte de como a IURD pensa e constitui os “seus”. Já os turistas se constituem como alteridade aliadas com as quais a IURD se relaciona no Templo. A IURD também se relaciona de forma específica com outra espécie de alteridade, que é a alteridade construída como “inimiga” ou “perseguidora”. Essa concepção é ilustrada no filme *Nada a Perder* (2018)¹⁰ e na matéria *A prisão do Bispo Macedo* (2017), publicada no site da Igreja Universal, em que a Globo e a Igreja Católica são colocados como inimigos ferrenhos da IURD e principais atores na prisão do Bispo Edir Macedo em 1992. A matéria citada a seguir relata uma fala do Edir Macedo descrevendo que:

Na década de 1990 já existiam 4 mil templos da Universal de Norte a Sul do País. Realmente, um número impressionante, que incomodou muitos ‘poderosos’ da época. ‘Eu tinha e tenho muitos inimigos. O clero católico, a Rede Globo e gente poderosa usada por eles. Eu até entendo tantos ataques, realmente há motivos para isso. A Igreja Universal incomoda. Nós assustamos. Nosso crescimento assustou muita gente na época da minha prisão e continua assustando até hoje’, revela o bispo na publicação¹¹.

Essa dada retórica da perseguição é mostrada por Gomes (2011), argumentando que esse movimento permite à IURD construir formas de respostas aos seus interlocutores, no nosso caso, com a alteridade inimiga. Para tal, a autora destaca o circuito da conquista. “No circuito da conquista, a perseguição integra um importante sistema de categorias, envolvendo quatro momentos necessários que, combinados, dão significado ao circuito da conquista: perseguição-revolta-sacrifício-conquista” (GOMES, 2011, p. 99). A retórica da perseguição é muitas vezes acionada como uma forma de lembrança de momentos difíceis do passado da IURD, como o próprio caso da prisão do Bispo Edir Macedo.

O circuito da conquista mostra como as ligações da relação com a alteridade podem servir a fim de solidificar ainda mais as relações com os tipos de membros na demonstração que a igreja é capaz de superar as adversidades e as perseguições. Isso permite uma maior integração dos membros convertidos, fortalece os membros em processo de conversão na busca do batismo com o Espírito Santo, mostra para os frequentadores esporádicos os benefícios da fidelização

¹⁰ NADA A PERDER. Direção: Alexandre Avancini, Produção: Paris Filmes e Record Filmes, 2018. Filme exibido pela Netflix. (130 min).

¹¹ A PRISÃO do bispo Macedo. IURD. 2017. Disponível em universal.org/noticias/post/a-prisao-do-bispo-macedo/. Acesso em: 15 jul. 2020.

à igreja, ao demonstrar a força que a IURD tem de mudar suas vidas, já que a igreja superou as adversidades, sendo tal narrativa aplicável também aos membros em potencial.

Junto com a figura do turista, podem-se pensar também as autoridades políticas – presentes na inauguração do Templo, por exemplo - como alteridades aliadas. Os dois fazem parte também da cosmologia da IURD, se diferenciando da alteridade inimiga por conta das alianças com a IURD. As alianças com figuras importantes da política podem demonstrar a busca da construção da IURD como uma igreja que tem poder, pois além da IURD “superar suas adversidades e as perseguições dos poderosos”, agora a igreja tem esses “poderosos” aplaudindo de pé uma inauguração de um Templo da IURD (MONTERO; SILVA; SALES, 2018).

Já a diferenciação com os que a IURD constitui como “os de dentro” é mais complexa, uma vez que os membros em potencial são todos os de fora da IURD, que podem vir a ser um dia membros, segundo Gomes (2011). Nesse ponto, meu trabalho se diferencia da Edlaine Gomes, ao focar como cada tipo de membro “consome” os serviços do Templo. A figura do turista, por exemplo, não é necessariamente um membro em potencial dependendo do espaço no qual ele esteja no Templo. A figura do turista é de suma importância para a construção institucional da IURD do Templo de Salomão como “espaço para todos/espaço ecumênico”.

Procurei articular os dados sobre o Templo de Salomão em companhia com a bibliografia sobre a IURD, apoiando minhas reflexões com a etnografia que fiz no Templo de Salomão em 2018 e entrevistas feitas em 2021 em material registrado no diário de campo. Embora consiga compreender que o trabalho é muito ambicioso, busquei pensar as diversas facetas do Templo de Salomão da IURD.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos estud. CEBRAP**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, abr. 2019.

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTERO, Paula. Trânsito Religioso no Brasil. **São Paulo em perspectiva** (revista da Fundação Seade), São Paulo, v.15, n.3, p. 92-101, jul./set. 2001.

A PRISÃO do bispo Macedo. **IURD**. 2017. Disponível em universal.org/noticias/post/a-prisao-do-bispo-macedo/. Acesso em: 15 jul. 2020.

BOURDIEU, Pierre. A casa kabyle ou o mundo às avessas. **Cadernos de Campo (São Paulo 1991)**, São Paulo, v. 8, n. 8, p. 147-159, 1999.

CAMPOS, Ricardo. Visibilidades e invisibilidades urbanas. **Revista de Ciências Sociais: RCS**, v. 47, n. 1, p. 49-76, 2016.

CAMPOS, Ricardo; BRIGHENTI, Andrea Mubi; SPINELLI, Luciano. Uma cidade de imagens: Produções e consumos visuais em meios urbanos. Lisboa, **Editora Mundos Sociais**, 2011.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010: CARACTERÍSTICAS GERAIS DA POPULAÇÃO, RELIGIÃO E DEFICIÊNCIA. IBGE. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/>

[censo-demografico/demografico-2010/amostra-caracteristicas-gerais-da-populacao-religiao-e-deficienciada](#). Acesso em: 27 nov. 2018.

DURKHEIM, Émile. Tradução de Paulo Neves. **As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EDIR Macedo é recebido em Israel pelo Primeiro-Ministro. **Jornal Opção**. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/edir-macedo-e-recebido-em-israel-pelo-primeiro-ministro-55417/>. Acesso em: 21 fev. 2020.

EDIR Macedo recebe medalha “Jerusalém de Ouro”. **R7**. 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/edir-macedo-recebe-medalha-jerusalem-de-ouro-29052019>. Acesso em: 21 fev. 2020.

ENNE, Ana Lucia. À perplexidade, a complexidade: a relação entre consumo e identidade nas sociedades contemporâneas. **Comunicação mídia e consumo**, v. 3, n. 7, p. 11-29, 2008.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 67-159.

FONSECA, Carlos. **Materialização do vínculo com “Israel mítico” na Igreja Universal do Reino de Deus: uma etnografia do Templo de Salomão**. Monografia de conclusão da graduação na Universidade Rural do Rio de Janeiro, 2018.

GOMES, Edlaine de Campos. **A era das catedrais da IURD: a autenticidade em exibição**. 2004f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

GUTIERREZ, Carlos. Beyond religion: the use of Jewish symbolic goods by the Universal Church. **Congresso Internacional da Brazilian Studies Association**. 2014.

HEINICH, Nathalie. Da visibilidade: excelência e singularidade em regime midiático. *In*: REINHEIMER, Patrícia; SANT’ANNA, Sabrina Parracho (org.). **Manifestações Artísticas e Ciências Sociais: reflexões sobre arte e cultura material**. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2013. p. 23-37.

HERTZ, Robert. ([1909]1980), “A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa”. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n.6, p. 99-128, 1980.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010. **Debates do NER**, v. 2, n. 24, p. 119-137, 2013.

MAUSS, Marcel; DURKHEIM, Émile. Algumas formas primitivas de classificação: contribuição para o estudo das representações coletivas. *In*: MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2001. p.399-455.

MONTERO, Paula. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. **Etnográfica**. **Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 13, n. 1, p. 7-16, 2009.

MONTERO, Paula; SILVA, Aramis Luis; SALES, Lilian. Fazer religião em público: encenações religiosas e influência pública. **Horizontes Antropológicos**, n. 52, p. 131-164, 2018.

NADA A PERDER. Direção: Alexandre Avancini, Produção: Paris Filmes e Record Filmes, 2018. Filme exibido pela Netflix. (130 min).

ORO, Ari. A reconfiguração do espaço público religioso brasileiro: o protagonismo da Igreja Universal do Reino de Deus. *In*: MEZZOMO, Frank. **Religião, Cultura e Espaço Público**. São Paulo: Fecilcam, 2016, p. 51-79.

PRITCHARD, Evans. **Os Nuer**: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva, 1978.

RESENDE, Erica Simone Almeida. A Direita Cristã e a política externa norte-americana: a construção discursiva da aliança entre Estados Unidos e Israel com base na ideologia evangélico-protestante. **Carta Internacional**, v. 5, n. 1, p. 3-20, 2010.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. **Perspectiva**, v. 21, n. 1, p. 121-149, 2003.

TEMPLO de Salomão, **IURD**. Disponível em <https://sites.universal.org/templodesalomao/passeio-pelo-jardim-biblico>. Acesso em: 22 maio 2021.

WILLAIME, J.-P. **Sociologia das religiões**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2012.